Tucídides: *História da Guerra do Peloponeso*

1. Introdução

Informações sobre a vida de Tucídides são raras, as mais confiáveis estão dentro de sua própria obra. É ele mesmo que nos conta que, no início da guerra, já tinha idade suficiente para entendê-la; em 429-26 sofreu com os efeitos da praga; em 424/3 foi eleito general e comandou uma frota na campanha da Trácia, onde tinha algumas propriedades; fracassou em libertar Anfípolis antes de a cidade ser capturada por Brasidas; como resultado, foi exilado por vinte anos. Viveu com certeza até o final da guerra, mas sua obra resta inacabada, interrompendo-se no verão de 411. A estimativa é que tenha nascido em *c*. 460 e morrido em *c*. 400.

2. Método

Tucídides tenta diferenciar-se pelo tratamento preciso que dá aos fatos do passado. Mas os fatos não falam por si sós: é preciso interpretá-los, e essa é a chave de sua precisão – o uso da crítica racional para resgatar eventos pretéritos. Sob aparente neutralidade, Tucídides dedica um grande esforço na apresentação literária dos eventos que narra, com a seleção e ênfase dos aspectos que julga essenciais à verdade, a fim de suscitar nos leitores a resposta necessária para que aceitem a sua versão do passado. A "objetividade" do autor é ela própria um artifício retórico. A asserção direta de fatos históricos gera a impressão de que são incontestáveis, mas podem ser analisados em termos de técnica narrativa: detalhes são selecionados, variação de velocidade e ordem no relato (resumo e descrição pormenorizada, flashbacks e antecipações), perspectivas diversas e diversas maneiras de representar pensamentos e discursos.

3. Palavra e ato

Em vários momentos decisivos da *História* de Tucídides, líderes de diversos partidos proferem discursos. Alguns são figuras conhecidas, como Péricles, Nícias e Alcibíades; outros nem tanto, ou são mesmo anônimos. A eterna pergunta é se tais discursos reproduzem fielmente o conteúdo do que foi dito ou se são em boa parte fictícios. Antes de Tucídides, a tradição historiográfica usava com parcimônia o discurso direto. Heródoto é um dos que inova nesse campo, mesclando diálogos em discurso direto à narrativa em terceira pessoa. Mas seu modelo é sobretudo poético: trata-se de um dispositivo dramático, vinculado a determinados personagens e situações, não de uma ferramenta de análise histórica. O modelo de Tucídides é diverso.

Nas décadas finais do séc. 5º a.C., a habilidade em argumentar era tida como uma das principais qualidades do cidadão ateniense. Políticos subiam na carreira com seus discursos na assembleia, cidadãos defendiam-se em juízo à força de discursos. Deliberava-se e decidia-se, portanto, com base em discursos públicos, que, para além das necessidades específicas, logo passaram a servir de exemplo e como exibição. Discursos começam a figurar até em outros gêneros, sobretudo na tragédia de Eurípides e na comédia de Aristófanes. Tucídides é outro que se utiliza dessa nova realidade retórica, e os discursos que relata em sua obra criaram um tipo radicalmente inovador de história, que influenciou, por sua vez, outros historiadores antigos.

Discursos e ações são contrapostos numa passagem famosa, de cunho metodológico (1.22.1-3):

> 'Quanto aos **discursos** que cada uma das partes pronunciou, quer nas vésperas da guerra, quer no seu decorrer, reproduzir-lhes as palavras exatamente era difícil, para mim quando os ouvira pessoalmente, para os outros quando me transmitiam o que tinham ouvido de

qualquer outra fonte; como me parecia que cada orador teria falado o que cabia sobre as situações sucessivas, atendo-me o mais próximo possível do sentido geral das palavras realmente pronunciadas, assim vão formulados.

E, quanto às **ações** que foram praticadas na guerra, decidi registrar não as que conhecia por uma informação casual, nem segundo conjectura minha, mas somente aquelas que eu próprio presenciara e depois de ter pesquisado a fundo sobre cada uma junto de outros, com a maior exatidão possível. Muito penoso era o trabalho de pesquisa, porque as testemunhas de cada uma dessas ações não diziam o mesmo sobre os mesmos fatos, mas falavam segundo a simpatia por uma ou outra parte ou segundo as lembranças que guardavam.'

(trad. Anna Lia Almeida Prado)

De um lado há os discursos individuais; de outro, as ações. A divisão antitética contém outras duas subdivisões, a respeito da dificuldade de investigação e do nível de precisão imaginado (cf. Rusten 1989: 12):

1. Discursos
   (a) são difíceis de reproduzir com precisão (*akríbeia* ἀκρίβεια);
   (b) foram compostos segundo meu próprio juízo, embora me atendo ao conteúdo geral das palavras.
2. Ações
   (a) não foram registradas segundo meu próprio juízo, mas com o máximo de precisão (*akríbeia* ἀκρίβεια) possível;
   (b) são difíceis de averiguar.

Vê-se que o contraste é reforçado pela estrutura em quiasmo (1a ~ 2b; 1b ~ 2a). E mais, aqui os discursos servem como uma espécie de contraponto às ações: se a dificuldade de obter precisão nos discursos envolve um tanto de especulação, já quanto às ações não há obstáculo algum na busca por precisão. É como se a nova disciplina da retórica se circunscrevesse aos discursos, já as ações, estas, podem ser desvendadas pela investigação implacável do autor, por mais difícil que seja trazê-las à luz. Uma vez estabelecidas suas credenciais como investigador inflexível de fatos e ações, Tucídides não volta a tocar no assunto de sua metodologia. Sabe-se, porém, e isso é apontado por vários pesquisadores modernos, que mesmo na descrição das ações há muito de retórica e artifício de composição, com o objetivo último de convencer o público. A enumeração incontestada, por exemplo, de uma sequência de ações, embora de aparência objetiva, insere-se sempre no contexto narrativo em que fatos são selecionados, omitidos, enfatizados, resumidos, detalhados. Ou seja, as narrativas, não só os discursos, também se prestam a estratégias retóricas para comunicar a realidade descrita.

Ao contrastar seus princípios e procedimentos com aqueles de seus predecessores, Tucídides tem em mente, talvez, Heródoto, também ele autor de um relato de guerra aparentemente bem recebido pelo público e que diz sobre seu próprio método: "Quem julgar essas histórias dignas de crédito, que faça bom uso das histórias contadas pelos egípcios. É um princípio subjacente a toda minha obra que escrevo as coisas relatadas por cada testemunha na tradição oral" (2.123.1).

Os discursos, por sua vez, não fornecem apenas informação histórica essencial sobre vários aspectos da realidade, mas ainda revelam opiniões e atitudes, sublinham argumentos e emoções, exploram possibilidades e expectativas, introduzem temas e percepções. Num plano mais geral, os discursos mostram como a retórica pode contribuir no curso dos eventos e como as pessoas respondem ou não à retórica utilizada. E mais, sugerem modelos de comportamento humano e fornecem meios para o leitor ampliar sua perspectiva, de modo a potencialmente influenciar em sua compreensão das passagens narrativas. Se a historiografia moderna se preocupa com *o que*

aconteceu e *por que* aconteceu, a historiografia clássica não está menos preocupada em *como* as coisas aconteceram. Nisso ela se mostra uma filha da tradição narrativa, valendo-se de artifícios poéticos para estimular respostas no público.

Quanto às ações, Tucídides é explícito em reconhecer as dificuldades das provas e seus esforços aparentemente hercúleos para resgatá-las, mas não fica claro como era, exatamente, o processo de seu exame crítico. Não se sabe o que o autor considera como "prova" nem quais padrões ele utiliza para testá-las. Por vezes ele desvenda novas provas por observação própria (*ópsis* ὄψις), mas outras depende em boa parte de provas da tradição oral que lhe chegou aos ouvidos (*akoḗ* ἀκοή) ou mesmo da poesia homérica, de cujas provas é tão crítico. Costuma ser o próprio juízo de Tucídides daquilo que é provável que o leva a reconstruir os fatos: as suas interpretações são parte decisiva em seu esforço para descobrir a verdade sobre o passado.

Por exemplo, nos parágrafos iniciais, para provar que não havia população estável em épocas remotas, argumenta que a diferença de fertilidade em regiões diversas (algo inferido, supõe-se, por observação de condições atuais) levou à mobilidade dos povos (1.2). Infere-se, também, a prevalência da pirataria e do porte de armas na antiguidade pela existência contínua desse modo de vida em certas regiões em sua própria época, mas também pela prova dos "poetas", os quais retratam piratas que admitem abertamente sua ocupação (1.5-6). Homero é explicitamente usado como prova de que a Grécia arcaica era fraca com base na observação de que, no poeta, inexiste um nome coletivo para os gregos (1.3.3). Ou seja, embora criticados, os relatos literários podem ser usados por Tucídides para construir sua versão "mais precisa". A diferença é que ele sujeita tais provas a seu exame crítico, incluindo observação própria e juízo de probabilidade.

4. Linguagem

Tucídides é famoso por sua linguagem elaborada, por evitar o lugar-comum e a previsibilidade na formulação de suas frases. Abundam os substantivos abstratos, a estrutura da sentença tende sempre à variação, com ideias expressas por meio de contrastes e antíteses. Traço marcante no estilo do autor é a deliberada rejeição de paralelismos gramaticais: ideias logicamente paralelas são expressas com construções gramaticalmente distintas. As orações se abrem a expansões de todo o tipo, que desdobram pensamentos contidos na estrutura de base. Na oração que inaugura a obra, lê-se:

> 'Tucídides de Atenas escreveu a guerra dos peloponésios e atenienses, como a fizeram uns contra os outros, começando a narração logo a partir da eclosão da guerra e prognosticando ser de grandes proporções e mais digna de menção do que as já travadas, verificando que, ao entrar em luta, uns e outros estavam no auge de todos os seus recursos, vendo o restante do povo helênico enfileirando-se de um e outro lado, uns imediatamente, outros pelo menos em projeto.'
>
> (trad. Anna Lia Almeida Prado, com modificações)

As dez primeiras palavras apresentam uma estrutura gramaticalmente completa, mas servem de simples ponto de partida para amplificações, a começar pela pergunta indireta ("como a fizeram uns contra os outros") que qualifica o verbo da oração principal. Seguem-se quatro gerúndios (particípios no grego) – "começando", "prognosticando", "verificando", "vendo" – que levam a orações subordinadas de três tipos diversos (marcadas com traço duplo), a última das quais é rematada com o acréscimo de uma antítese.

Observe-se que, nessa oração inicial, Tucídides proclama a sua identidade tal como Heródoto o fizera em sua obra. Mas se a intenção de Heródoto era registrar "grandes e maravilhosas

empresas", Tucídides busca superá-lo ao afirmar que seu tema é uma guerra não apenas grande, e sim a "mais digna de menção do que as já travadas", entre elas a lendária Guerra de Troia e as mais recentes Guerras Médicas relatadas por Heródoto.

Embora critique ele próprio os exageros e adornos de que outros historiadores se valem para compor suas obras, Tucídides recorre por vezes a hipérboles cuidadosamente articuladas, como nessa passagem do primeiro livro (1.23.1-3):

> "Das ações antigas a maior foi a guerra médica; essa, contudo, com duas batalhas no mar e na terra, teve uma decisão rápida. Essa guerra, porém, prolongou-se muito e acarretou para a Hélada, no seu decorrer, provações como não houve outras em tempo igual. Jamais tantas cidades foram capturadas e devastadas, umas por bárbaros, outras pelos próprios povos que estavam em luta (algumas houve que, capturadas, trocaram de habitantes), nem tantos exílios e mortes, devidos quer à própria guerra, quer a revoltas internas. Também o que por conta da tradição (*akoḗ*) se dizia, mas que a realidade (*érgon*) muito raramente confirmava, não pareceu inverossímil: terremotos que, ao mesmo tempo, atingiram grande extensão de terra e foram os mais fortes; eclipses de sol que em relação ao que se lembra de tempos antigos ocorreram com maior frequência; grandes secas em certas regiões e, em consequência delas, fome e ainda o que foi causa de dano considerável [= 'não desprezível'] e, em parte, de destruição, a epidemia da peste."
>
> (trad. Anna Lia Almeida Prado)

5. Estrutura (1.1-23.3)

1. Proposição do tema (1.1)
2. Arqueologia (1.2-19)
3. Metodologia (1.20-22)
4. Quadro geral da guerra (1.23.1-3)

6. Leitura!

———

7. Oração fúnebre (2.34-46)

Os atenienses caídos em combate no exterior tinham seus corpos queimados e os restos mortais (uma mistura de ossos e cinzas) eram recolhidos e enviados a Atenas. Lá eram sepultados junto, segundo um ritual análogo aos mortos comuns: primeiro a "exposição" (*próthesis* πρόθεσις) dos restos, depois a procissão fúnebre (*ekphorá* ἐκφορά). Mas era a expensas públicas que ocorria a cerimônia, que tinha como ponto alto a oração fúnebre proferida por um cidadão de destaque. A prática é mencionada pela primeira vez no *Agamêmnon* de Ésquilo, e chegaram até nós algumas orações fúnebres (*epitáphioi lógoi* ἐπιτάφιοι λόγοι) atribuídas a autores como Lísias, Platão e Demóstenes.

É com base nesses exemplos de oração fúnebre que se vislumbram os temas tradicionais desse gênero: (1) elogio dos ancestrais; (2) elogio dos guerreiros caídos em guerra; (3) exortação aos cidadãos; (4) consolo aos parentes dos mortos.

A oração fúnebre proferida por Péricles, tal como registrada por Tucídides, adota esse esquema, mas inova radicalmente ao subordinar todos os temas à glorificação da Atenas *contemporânea*. Dentro da obra, a oração ocupa uma posição curiosa em termos estruturais. É proferida após o primeiro ano de batalha, no qual as baixas teriam sido poucas. Mas ao mesmo tempo é a última

ocasião em que seria plausível ocorrer, uma vez que retrata a Atenas da década de 430, no auge de sua força, confiança e riqueza. Meses mais tarde sobreviria a praga, e logo a seguir (em 428) a morte de Péricles, dando início à progressiva queda da cidade. Parece ter sido intencional da parte de Tucídides justapor a oração fúnebre a esses dois reveses, a fim de iluminá-los de modo recíproco: a glória e a derrocada. Isso é tanto mais provável porque todo o efeito devastador da praga é descrito em seu primeiro ano (embora ela tenha se estendido por quatro longos anos), e Péricles sai de cena um ano antes de falecer de fato.

Mas e quanto à oração propriamente dita? Seria ela uma cuidadosa reconstrução de um discurso realmente proferido por Péricles ou um simples fruto da composição de Tucídides? A opinião da crítica se divide: uns julgam que a imagem de uma Atenas ideal deve ter sido composta após a derrota de 404 a.C., outros afirmam que a oração é autêntica, tendo ocorrido no inverno de 431/0, com Tucídides na plateia. Contra a autenticidade, pesa o fato de Tucídides ser o único autor que atesta a oração, além de soar suspeitos o consolo ligeiro aos caídos e as palavras mais duras às viúvas: parece que a glorificação da Atenas em seu ápice atende antes aos critérios de sua obra do que de Péricles. De um lado está o historiador que cria um personagem artificial que profere a oração; de outro, o estadista que o inspirou. É difícil dizer se o Péricles da oração está mais próximo do real ou da criação literária, assim como é difícil dizer se o Sócrates de Platão é mais personagem fictício do que figura histórica. Talvez esteja a meio caminho de um e outro.

8. Estrutura da oração fúnebre

1. Sepultamento público (34)
2. Magnitude da tarefa do orador (35)
3. Passado glorioso de Atenas (36)
4. Atena contemporânea (37-41.4)
    - 4.1. Democracia ateniense (37.1)
    - 4.2 Tolerância e padrões públicos rígidos (37.2-3)
    - 4.3 Diversão: festivais, mobiliário, bens importados (38)
    - 4.4 Treinamento militar (39)
    - 4.5 Caráter ateniense (40)
        - 4.5.1 Harmonia (40.1-2)
        - 4.5.2 Equilíbrio entre debate e ação (40.2-3)
        - 4.5.3 Amizade (40.4-5)
    - 4.6 Grandeza de Atenas (41.1-4)
5. Feitos dos mortos e lições para os vivos (41.5-43.6)
6. Conclusão: aos enlutados (44-6)

9. Leitura!